

ANÁLISE EPOCAL DO FENÔMENO DA ANSIEDADE POR UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Epochal Analysis of Anxiety Phenomena from a Phenomenological Perspective

Gabriel Cortesini Borges da Silva¹
João Paulo Martins²

RESUMO

Neste trabalho, a análise do fenômeno da ansiedade foi realizada pela ótica fenomenológica, que implica em um entendimento diferente dos propostos pelos manuais diagnósticos. Não se trata de ir contra as definições propostas por esses manuais, mas sim observar o fenômeno de outra perspectiva, entendendo que a ansiedade é permeada por naturalizações que foram anteriormente denominadas pelo “AI” de nossa época, embasando seus estudos e análises em uma ciência normativa. Se objetivou com o presente trabalho ponderar, analisar e investigar o aumento de casos de ansiedade na população através de uma perspectiva fenomenológica, buscando explicitar a característica epocal do fenômeno em questão. Para tanto, buscou-se referências

nas bases de dados a Scientific Electronic Library Online (Scielo), Pubmed, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) dos últimos 10 anos sobre a temática desenvolvida. Em suma, a partir do presente trabalho de conclusão de curso, é possível entender que a partir do momento em que consideramos os manuais diagnósticos à risca, somos submetidos a algo que pode ser analisado como um conteúdo embebido de naturalizações, não considerando o Dasein em si como um com sua individualidade e subjetividade, mas sim como sintomas pré-determinados por tais livros. Partindo do pressuposto que tais manuais são escritos e postulados de maneira tecnicista, podemos concluir que o fenômeno da ansiedade propriamente dito se mostra como algo epocal.

¹Discente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru;

²Psicólogo, Mestre em Filosofia da Mente – UNESP Marília, Doutorando em Psicologia – UNESP Bauru e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru.

ABSTRACT

In this study, the analysis of the anxiety phenomenon was conducted from a phenomenological perspective, which implies a different understanding than that proposed by diagnostic manuals. It is not a matter of going against the definitions put forth by these manuals, but rather observing the phenomenon from another perspective. It involves recognizing that anxiety is permeated by naturalizations that were previously labeled by the “there” of our time, grounding its studies and analyses in a normative science. The aim of this study was to consider, analyze, and investigate the increase in cases of anxiety in the population through a phenomenological perspective. The goal is to elucidate the epochal characteristic of the phenomenon in question. To do so, references were sought in databases such as the Scientific Electronic Library Online (Scielo), Pubmed, Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), and the Virtual Health Library (BVS) from the last 10 years on the developed theme. In summary, from this final course work, it is possible to understand that adhering strictly to diagnostic manuals leads us to something that can be analyzed as content imbued with naturalizations, not considering Dasein itself with its individuality and subjectivity, but rather as symptoms predetermined by such books. Assuming that such manuals are written and postulated in a technicist manner, we can conclude that the anxiety phenomenon itself appears as something epochal.

Palavras-Chave/Keywords:

DSM; Ansiedade; Psicologia.

DSM; Anxiety; Psychology.

INTRODUÇÃO

A ansiedade, uma experiência universal na condição humana, tem sido objeto de crescente interesse e pesquisa devido à sua prevalência e impacto significativo na saúde mental. Este fenômeno complexo e multifacetado transcende as fronteiras culturais e socioeconômicas, manifestando-se de diversas formas e intensidades. À medida que a sociedade avança, a compreensão da ansiedade torna-se cada vez mais crucial, especialmente diante das complexidades modernas que desafiam nosso equilíbrio emocional (CALDEIRA, 2019).

Esta pesquisa busca explorar as facetas da ansiedade, examinando não apenas suas manifestações clínicas, mas também considerando os fatores sociais, psicológicos e biológicos que contribuem para seu desenvolvimento e manutenção. Ao mergulhar nas origens e consequências da ansiedade, pretendemos não apenas ampliar nosso conhecimento sobre essa condição, mas também fornecer insights valiosos para o desenvolvimento de abordagens terapêuticas mais eficazes. A ansiedade, longe de ser uma mera reação temporária ao estresse, emerge como um campo de pesquisa fascinante e essencial para o avanço contínuo da psicologia e da saúde mental. Ao longo deste estudo, buscaremos analisar de forma hermenêutica as complexidades da ansiedade, contribuindo para uma compreensão mais holística e informada dessa condição prevalente em nossa sociedade contemporânea (ALMEIDA, 2021; LIMA, 2020).

Para que isso seja efetivado, torna-se necessário que o retorno às definições do que se entende por ansiedade seja esclarecido. Esse esclarecimento não se pauta em uma normativa atual, mas sim como um constructo até se chegar aos dias de hoje. Dessa forma, de acordo com DSM-5-Tr, os transtornos de ansiedade são um conjunto de transtornos que contemplam sintomas relacionados ao medo e ansiedade excessiva, subdividindo-se em diversas categorias (APA, 2023).

Tendo como um exemplo mais concreto, pela definição da CID-11, o diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada requer que os sintomas permaneçam por vários meses e causem prejuízo na funcionalidade do sujeito. Os sintomas incluem preocupação excessiva em situações e eventos do dia-a-dia, inquietação motora e mental, dificuldade para se concentrar, irritabilidade e distúrbios do sono (OMS, 2019).

Ainda sobre o transtorno de ansiedade generalizada, na visão do DSM-5-Tr, esse transtorno define-se por apresentar como principais fatores a ansiedade e a preocupação excessiva diante de diversas situações ou eventos, com sintomas como inquietação, dificuldade em se concentrar, irritabilidade e tensão (APA, 2023).

Neste trabalho, a análise do fenômeno da ansiedade será realizada pela ótica fenomenológica, que implica em um entendimento diferente dos propostos pelos manuais diagnósticos. Não se trata de ir contra as definições

propostas por esses manuais, mas sim observar o fenômeno de outra perspectiva, entendendo que a ansiedade, como vista pelas descrições feitas acima, é permeada por naturalizações que foram anteriormente denominadas pelo “Aí” de nossa época, embasando seus estudos e análises em uma ciência normativa (LIMA, 2020).

Para González et al. (2012), a fenomenologia Heideggeriana refere-se ao modo de ser do homem no mundo a partir de suas relações, ocorre-se que o fenômeno se mantém velado frente ao que se mostra, onde o fenômeno mantém-se oculto de maneira próxima ao esquecimento do ser, velando o sentido. Assim, o fenômeno torna-se objeto de estudo da fenomenologia que se mostra da maneira que o “Aí” determina. Sendo necessário um novo desvelamento de sentido do fenômeno como a ansiedade, vela-se esse fenômeno e proporciona abertura de sentido para devolver a funcionalidade do Ser-Aí-Ansioso, buscando o que é mais próprio para si.

Segundo Coutinho e Almeida (2019) e Lima (2020), o Dasein (Ser-Aí) é o único ente que possui a capacidade de questionar a si e sua existência. O Ser-Aí é o humano inserido no mundo, não sendo possível separá-los, pois ao tentar sair do mundo, o Dasein já está no mundo. A partir disso, contemplamos que o Ser-Aí é afeto, relação, possibilidade e projeto. O Dasein sempre será afetado por algo que está no “Aí”, não existindo de maneira neutra, estando sujeito a naturalizações intra-mundanas a partir do Verfallen, termo alemão para decadência, onde o

Ser, ao cair no mundo, irá absorver as naturalizações que vêm ao seu encontro impostas pelo “Aí”.

De acordo com Almeida (2021) e Caldeira (2019), a hermenêutica é uma forma de analisar e valorizar a qualidade da experiência no contexto em que o Ser-Aí vivencia, a partir do ser-no-mundo. Integrado a isso, parte-se do pressuposto de que a compreensão e a interpretação irão caminhar juntas, auxiliando na compreensão do Dasein em seu contexto.

Segundo Lima (2020), é possível compreender o fenômeno da ansiedade através da antecipação de diversos questionamentos e acontecimentos, o que deixa o Ser-Aí sob constante estado de alerta. Esse funcionamento pode afetar o Dasein em diversas questões. Partindo do pressuposto de um “Aí” pós era da técnica, o ser entra em contato com a ideia de que sempre irá existir algo melhor à sua disposição, projetando tais possibilidades para o futuro. Esse funcionamento traz consigo dificuldades em manter-se no aqui-agora. Sendo o “Aí” atual capitalista, onde os maiores detentores das riquezas possuem maior direito à dignidade, torna-se preocupante o fenômeno da ansiedade, colocando em voga a possibilidade de não estar entre os detentores do capital, causando diversas inquietações frente ao “Aí”.

Ponderar, analisar e investigar o aumento do fenômeno da ansiedade no tempo atual torna-se imprescindível, pois o sofrimento na sociedade atual vem se tornando cada vez mais frequente, assim como a incidência

de pessoas sofrendo de tal fenômeno, antes e principalmente após a pandemia causada pela disseminação do vírus SARS-CoV-2, sendo denominada a doença como COVID-19.

Esta análise se faz importante tanto para as pessoas que sofrem com tais consequências quanto para a comunidade científica e, mesmo, a comunidade em geral, oferecendo uma nova perspectiva sobre esses fenômenos. O objetivo deste trabalho é investigar os fenômenos da ansiedade por uma perspectiva fenomenológica, uma vez que, de acordo com a OMS, a ansiedade tornou-se a doença do século, sendo um dos motivos diretos de pessoas que tentam contra a vida (OPAS, 2022).

MÉTODO

O presente trabalho tratou-se de uma revisão de literatura narrativa que se apoia no método fenomenológico-hermenêutico de pesquisa, assim como proposto por Heidegger e Dilthey. Tal método corresponde a uma análise de emergência do fenômeno em um determinado contexto específico, sendo, no caso, o contexto da ansiedade na atualidade através de uma perspectiva fenomenológica (CASANOVA, 2017).

O método fenomenológico, é um retorno ao mundo da vida, visto que, segundo tal forma de olhar, é esse o fundamento de todas as ciências. Essa volta ao mundo vivido, ao fundamento não teórico da vida, rompe definitivamente com a pretensão de uma

epistemologia das ciências humanas fundada a partir do modelo das ciências naturais (HEIDEGGER, 2012).

Assim sendo, torna-se claro que a fenomenologia tem a preocupação de descrever o fenômeno e não de explicá-lo, não se preocupando com o buscar relações causais. A preocupação será no sentido de mostrar, através da rigorosa descrição, como é que se pode chegar à essência do fenômeno. O rigor, no entanto, não significa algo que possa ser replicado, mas sim prescindir de apontamentos teóricos orientados por uma tradição histórica que visa universalizar o fenômeno. O rigor é ir à emergência fenomênica e descrevê-la de forma cabal levando em conta a tradição histórica de mundo no qual fazemos parte (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990).

Tal compreensão do mundo nos leva à hermenêutica, a interpretação. A hermenêutica traz reflexão e, posteriormente, uma compreensão sobre as formas de vida abertas pelo mundo, criando, assim, uma cultura imersa em diferentes tradições e experiências. Com isso, demonstra, de forma rigorosa, como se realiza o movimento para o reconhecimento dos entes a partir das experiências no mundo (SIDI; CONTE, 2017).

Para tanto, buscou-se referências nas bases de dados a Scientific Electronic Library Online (Scielo), Pubmed, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) dos últimos 10 anos sobre a temática desenvolvida, iniciadas pesquisas em março até outubro. As palavras

chaves pesquisadas foram “ansiedade”, “fenomenologia”, “era da técnica” e “hermenêutica”, utilizadas de forma isolada ou combinadas pelos conectores booleanos “and” e “or”.

Subsequentemente, foram lidos e analisados os títulos de todos artigos encontrados, que abrissem sentido e abordassem o tema em questão, para assim, realizar a primeira fragmentação destes, posteriormente analisando os textos completos dos selecionados. Tais dados foram lidos de forma rigorosa por meio da metodologia fenomenológico-hermenêutica, incluindo então as literaturas específicas considerando os seguintes critérios de inclusão: (1) literaturas disponíveis nas bases de dados citadas anteriormente como fontes de informação; (2) literaturas finalizadas e disponíveis no momento das consultas nas bases de dados. Dessa maneira, foram excluídas do presente estudo as literaturas específicas que não se enquadraram nos critérios de inclusão previamente estabelecidos. Após a seleção dos artigos com base nos critérios de inclusão e exclusão mencionados anteriormente, cada um deles foi analisado individualmente e apresentado de forma qualitativa, possibilitando a comparação e o aproveitamento dos dados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Dias (2020), a era da técnica de Heidegger se conceitua como um momento histórico da

sociedade onde a técnica possui papel dominante, sendo algo que molda a existência humana e influencia a nossa compreensão de mundo. A escalada da técnica se apoia na história de esquecimento do ser, onde a humanidade deixa de se ver como relação primordial com o Aí, passando a compreender que por meio da técnica regem, comandam e dominam o Aí. Heidegger argumenta que a técnica moderna é a expressão máxima da alienação do ser humano em relação à sua própria natureza e ao mundo, representando a culminação desse esquecimento do ser. Destaca-se que a concepção de técnica como apenas dominação e controle não abarcam sua essência por completo, exemplificando com a técnica na filosofia grega antiga onde era considerada um conhecimento, não meramente uma ação.

Isso implica que a técnica não necessariamente precisa ser apenas um instrumento de dominação, mas também pode se manifestar como uma forma de revelação e produção do ente em seu desvelamento. Em suma, a era da técnica representa um período em que a técnica exerce uma profunda influência sobre a humanidade. No entanto, também é um momento em que é essencial reexaminarmos nossa compreensão da técnica e do ser, visando uma maneira mais livre e autêntica de nos relacionarmos com o mundo e com nossa própria essência. A partir disso, é possível observar os manuais de outra perspectiva, sendo esses tecnicistas e “objetivos” onde se buscam padrões para que através disso se possa estabelecer

um diagnóstico propriamente dito (ALMEIDA, 2021; DIAS, 2020).

CONTEXTO HISTORIOGRÁFICO E HERMENÊUTICO DOS DSMS

No primeiro DSM, desenvolvido em 1952 pela Associação Americana de Psiquiatria, onde após realizar uma busca minuciosa é possível destacar que a palavra “Ansiedade” aparece quarenta e duas vezes entendendo a ansiedade não como um transtorno, mas como parte dos transtornos psiconeuróticos que têm são caracterizados pela presença central de “ansiedade” que pode ser expressa diretamente ou controlada inconscientemente por meio de mecanismos de defesa psicológica. Ao contrário dos distúrbios psicóticos, esses pacientes não têm distorções marcantes da realidade externa, como delírios ou alucinações, e não apresentam uma desorganização significativa da personalidade. Estudos de longo prazo em pessoas com esses distúrbios frequentemente mostram desajustes ao longo da vida, com o estresse especial podendo desencadear a manifestação aguda dos sintomas (APA, 1952).

A “ansiedade” nesses distúrbios é um sinal de perigo percebido pela parte consciente da personalidade, originando-se de ameaças internas, como emoções reprimidas intensas, incluindo impulsos agressivos, independentemente da presença ou ausência de estímulos de situações externas, como perda de afeto, status

ou ameaça de lesão. As várias maneiras pelas quais o paciente lida com essa ansiedade resultam em diferentes tipos de reações. Para registrar essas reações, não se utilizam os termos “neurose traumática” ou “reação traumática”; em vez disso, especifica-se a reação psiquiátrica específica, identificando o tipo predominante de reação e fazendo referência aos outros tipos de reações como parte da sintomatologia, seguindo abaixo como:

000-x01 Reação de ansiedade

Nesse tipo de reação, a ansiedade é difusa e não restrita a situações ou objetos definidos, como no caso de reações fóbicas. Ela não é controlada por nenhum mecanismo de defesa psicológica específico, como em outras reações psiconeuróticas. Essa reação é caracterizada pela expectativa ansiosa e frequentemente está associada à sintomatologia somática. A condição deve ser diferenciada da apreensão ou medo normais. O termo é sinônimo do antigo termo “estado de ansiedade” (APA, 1952, p. 32).

Trazendo a perspectiva para a fenomenologia e fazendo uma leitura epocal, é possível perceber que destacam-se alguns conceitos como o contexto histórico da década de 1950, essencial para compreender o DSM-I, uma vez que essa era uma época de significativas mudanças sociais e na psiquiatria. O surgimento da necessidade premente de padronizar sistemas diagnósticos refletiu a crescente importância da saúde mental na sociedade pós-guerra. O DSM-I foi fortemente influenciado pela psicanálise, que dominava o cenário psiquiátrico da

época. Adolf Meyer, com sua ênfase em categorias psicodinâmicas e na distinção entre neurose e psicose, marcaria o manual. No entanto, o DSM-I também exibe incertezas e limitações da época, exemplificadas pela falta de clareza na demarcação dos limites entre o normal e o patológico. Isso reflete os desafios conceituais da psiquiatria do pós-guerra, bem como as complexidades inerentes à compreensão das doenças mentais. Seria esse o ponto de partida de uma trajetória através das classificações que teriam direta influência nas edições posteriores, visando também a evolução do sistema diagnóstico e a incorporação de múltiplas abordagens teóricas buscando maior precisão da compreensão da saúde mental (MARTINHAGO; CAPONI, 2019).

Após, acerca do DSM-II a palavra ansiedade irá aparecer apenas quatorze vezes, não tendo novamente algo próprio, estando incluída nas neuroses. Sendo definido como característica principal das neuroses, podendo ser sentida e expressa ou ser controlada inconscientemente através de mecanismos psicológicos, que irão produzir sintomas vivenciados. Em contrapartida às psicoses, as neuroses não demonstram distorções flagrantes ou interpretações errôneas da realidade externa, nem irão apresentar desorganização da personalidade. Abrindo exceção apenas a neurose histérica, onde pode estar associada a alucinações e demais sintomas comuns nas psicoses. Diferentemente dos pacientes psicóticos, os neuróticos mantêm a consciência de que seu

funcionamento mental está perturbado. Novamente abaixo deste se concentra a:

300.0 Neurose de ansiedade

Esta neurose é caracterizada por uma preocupação ansiosa excessiva que se estende ao pânico e frequentemente está associada a sintomas somáticos. Ao contrário da neurose fóbica (ver nota), a ansiedade pode ocorrer em qualquer circunstância e não se limita a situações ou objetos específicos. Este distúrbio deve ser distinguido da apreensão ou medo normais, que ocorrem em situações realisticamente perigosas (APA, 1968, p.39).

Torna-se importante manter a análise dos manuais, pois através desta é possível perceber uma evolução crítica na classificação de transtornos mentais, específica ao passo do DSM-I para o DSM-II. O ano de publicação em 1968 marca um período de mudança significativa na psiquiatria. A eliminação da noção de “reação” em favor da oposição entre neuroses e desordens de personalidade sugere uma mudança teórica e terminológica que reflete a transição da psiquiatria psicanalítica predominante no DSM-I para uma abordagem mais diversificada. A tentativa de alinhar o DSM-II com a CID 8 revela a complexidade e desafios associados à classificação de transtornos mentais em uma linguagem comum (MARTINHAGO; CAPONI, 2019; SHORTER, 2015).

A insatisfação da comunidade científica com a inclusão de 39 categorias adicionais destaca a necessidade de precisão e consenso

na psiquiatria diagnóstica. A menção da racionalidade diagnóstica de Adolf Meyer, que influenciou o DSM-I, destaca a continuidade de certos princípios diagnósticos, como considerar a história de vida do paciente e as oscilações das doenças mentais, embora em um contexto de evolução da terminologia e categorização. Através dessa, nos é permitido compreender a interconexão entre a evolução histórica, a terminologia diagnóstica e a complexidade inerente à classificação de transtornos mentais (MARTINHAGO; CAPONI, 2019; SHORTER, 2015).

No DSM-III a palavra ansiedade volta a aparecer mais vezes, sendo duzentas e noventa e três para ser mais exato, agora incluindo a palavra ansiedade ao título, dando enfoque aos “Transtornos de Ansiedade”, na qual conceitua que perante esse grupo de transtornos, a ansiedade é o central, dando exemplos como o Transtorno do Pânico e o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), citando também situações em que a pessoa busca controlar os sintomas, confrontando em um transtorno fóbico ou resistindo em situações de obsessões ou compulsões no Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC). Vale ressaltar que o diagnóstico de transtorno de ansiedade não é feito se a mesma for derivada de outros transtornos como a esquizofrenia (APA, 1980).

Relativo ao DSM-III-R, a palavra ansiedade aparece quatrocentas e oitenta e seis vezes, estando incluído dentro dos transtornos de ansiedade ou fóbicos, onde são caracterizados pela presença de sintomas

de ansiedade e comportamentos de evitação. Neste espectro, nos Transtornos de Pânico e Transtornos de Ansiedade Generalizada, a ansiedade costuma ser o sintoma mais proeminente, enquanto o Transtorno de Pânico com Agorafobia se caracteriza principalmente por comportamentos de evitação (APA, 1987).

Nos Transtornos Fóbicos, a ansiedade surge quando a pessoa se depara com a situação ou objeto temido, levando-a a evitar essas circunstâncias sempre que possível. Por outro lado, no Transtorno Obsessivo-Compulsivo, a ansiedade é experimentada quando a pessoa tenta resistir às obsessões (pensamentos intrusivos e indesejados) ou às compulsões (comportamentos repetitivos realizados para aliviar a ansiedade). A classificação do Transtorno de Estresse Pós-Traumático é motivo de debate, pois seu sintoma predominante é a reexperiência de um trauma, não necessariamente a ansiedade ou o comportamento de evitação. No entanto, é importante ressaltar que a ansiedade e o comportamento de evitar situações desencadeantes são comuns nesse transtorno. Embora a ansiedade relacionada à separação de figuras parentais seja uma forma de reação fóbica, ela é categorizada como Transtorno de Ansiedade de Separação e está inserida na seção de Transtornos Geralmente Diagnosticados na Infância, Adolescência ou Adolescência. Da mesma forma, a evitação fóbica restrita a atividades sexuais é classificada como Transtorno de Aversão Sexual e se encontra na seção de Transtornos Sexuais (APA, 1987).

Sobre o terceiro manual e sua revisão, é possível perceber uma transformação crucial na história da psiquiatria com a transição do DSM-II para o DSM-III, ocorrida em 1980. O DSM-III marcou uma mudança de paradigma significativa, afastando-se da predominância da psicanálise em direção a uma abordagem mais baseada em evidências e sintomas. Essa transição é indicativa de uma evolução na compreensão e diagnóstico de transtornos mentais. A passagem do foco em histórias de vida, narrativas dos pacientes e causas psicológicas e sociais para a definição baseada em agrupamentos de sintomas reflete um movimento em direção a uma abordagem mais objetiva e sistemática (SHORTER, 2015).

O papel dos psiquiatras americanos, os “neokraepelinianos,” que embasaram suas conclusões em estudos populacionais e dados quantitativos, ilustra a influência da pesquisa e da abordagem científica na formulação do DSM-III. Essa edição apresentou 265 categorias diagnósticas e marcou um ponto de virada na psiquiatria moderna, estabelecendo um novo padrão na definição e diagnóstico de transtornos mentais. A ênfase em critérios operacionais e evidências empíricas representou uma mudança significativa em relação às edições anteriores, que eram mais descritivas e menos sistematizadas (MARTINHAGO; CAPONI, 2019).

O impacto do DSM-III na prática clínica e na pesquisa em psiquiatria é inegável, consolidando sua posição como uma referência essencial para

profissionais em todo o mundo. Através da presente análise ressalta-se a importância dessa mudança de paradigma e da adoção de uma abordagem mais baseada em critérios operacionais na psiquiatria contemporânea, ao mesmo tempo em que destaca a influência de abordagens científicas e a necessidade de sistemas diagnósticos confiáveis e objetivos. Adentrando ao DSM-III-R, é possível observar que o mesmo não sofreu tantas alterações significativas em comparação a seu antecessor (MARTINHAGO; CAPONI, 2019; SHORTER, 2015).

Sobre o DSM-IV, a palavra ansiedade teve um “boom” em relação aos anteriores, aparecendo oitocentas e quarenta e nove vezes. Novamente estando incluída na sessão de transtornos de ansiedade, onde inicia-se citando transtornos incluídos nesse grupo como transtorno do pânico sem agorafobia, transtorno do pânico com agorafobia, agorafobia sem história de transtorno do pânico, fobia específica, fobia social, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno de estresse pós-traumático, transtorno de estresse agudo, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de ansiedade devido a uma condição médica geral, transtorno de ansiedade induzido por substância e transtorno de ansiedade não especificado. Separando ataques de pânico e a agorafobia, pois tais transtornos irão ocorrer no incluídos a vários dos outros transtornos citados (APA, 1994).

A respeito do DSM-IV-Tr, a palavra ansiedade surge oitocentas e vinte e três vezes, porém a conceituação não tem

grandes modificações, sendo

Os seguintes transtornos estão contidos nesta seção: Transtorno de Pânico sem Agorafobia, Transtorno de Pânico com Agorafobia, Agorafobia sem História de Transtorno de Pânico, Fobia Específica, Fobia Social, Transtorno Obsessivo-Compulsivo, Transtorno de Estresse Pós-Traumático, Transtorno de Estresse Agudo, Transtorno de Ansiedade Generalizada, Transtorno de Ansiedade Devido a uma Condição Médica Geral, Transtorno de Ansiedade Induzido por Substâncias e Transtorno de Ansiedade Não Especificado. Como Ataques de Pânico e Agorafobia ocorrem no contexto de vários desses transtornos, os critérios para um Ataque de Pânico e para a Agorafobia estão listados separadamente no início desta seção. Um Ataque de Pânico é um período discreto no qual ocorre o início súbito de apreensão intensa, medo ou terror, frequentemente associado a sentimentos de perigo iminente. Durante esses ataques, sintomas como falta de ar, palpitações, dor ou desconforto no peito, sensações de sufocamento e medo de “ficar louco” ou perder o controle estão presentes (DSM-IV-Tr, 2005, p. 393).

Sobre o DSM-IV e o DSM-IV-TR destaca-se a evolução significativa no campo da psiquiatria. Publicado em 1994, o DSM-IV representou um marco notável na classificação de transtornos mentais, com a introdução de 297 categorias diagnósticas distribuídas em 886 páginas. A inclusão do critério de significância clínica para metade das categorias indicou uma abordagem mais criteriosa, exigindo que os sintomas causassem sofrimento

cl clinicamente importante ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional e em outras áreas (APA, 1994; APA 2005).

O desmembramento da histeria em várias síndromes, como dissociação, dismorfismo corporal, ansiedade, depressão e fibromialgia, refletiu uma abordagem mais detalhada e precisa da psicopatologia. Uma mudança notável foi a transição do enfoque psicodinâmico para o neo-organicismo, que substituiu a etiologia conversiva. No entanto, o DSM-IV-TR não estava isento de críticas, incluindo falta de operacionalização de diagnósticos e retificações de categorias diagnósticas, o que gerou desafios na aplicação clínica e de pesquisa, particularmente em configurações de Atenção Primária. A organização em cinco eixos diagnósticos, que incluiu distúrbios clínicos, condições de personalidade, situações clínicas agudas, fatores psicossociais e avaliação global de funcionamento, demonstra a complexidade e a abrangência do sistema diagnóstico do DSM-IV (MARTINHAGO; CAPONI, 2019).

No DSM-V, a palavra ansiedade irá aparecer mil trezentas e dezoito vezes, onde os transtornos de ansiedade são caracterizados por medo e ansiedade excessivos, juntamente com perturbações comportamentais. O medo é uma resposta emocional a ameaças iminentes, enquanto a ansiedade envolve a antecipação de ameaças futuras. Esses estados frequentemente se sobrepõem, mas também têm diferenças: o medo está relacionado a períodos de excitabilidade autonômica aumentada, pensamentos

de perigo imediato e comportamentos de fuga, enquanto a ansiedade está mais associada à tensão muscular, vigilância em preparação para perigo futuro e comportamentos de cautela ou esquiva. Os ataques de pânico são destacados como uma resposta específica ao medo e não estão restritos aos transtornos de ansiedade (APA, 2014).

Os transtornos de ansiedade se distinguem pelo tipo de objeto ou situação que induz o medo, ansiedade ou esquiva, bem como pela ideação cognitiva associada. Esses transtornos geralmente coocorrem, mas podem ser diferenciados com base nos detalhes das situações temidas ou evitadas e nos pensamentos relacionados. Eles se diferenciam dos medos ou ansiedades adaptativas por serem excessivos ou durarem além do esperado para o nível de desenvolvimento. Também são distintos dos medos temporários, frequentemente relacionados ao estresse, por sua persistência. Muitos desses transtornos começam na infância e tendem a persistir sem tratamento, afetando mais frequentemente as mulheres. Cada transtorno é diagnosticado somente quando os sintomas não são causados pelo uso de substâncias, outra condição médica ou outro transtorno mental (APA, 2014).

Já no DSM-V-Tr, o mais atual até o momento, a palavra ansiedade irá aparecer mil quatrocentas e setenta e sete vezes, onde conceitua que os transtornos de ansiedade englobam uma variedade de distúrbios relacionados ao medo e à ansiedade excessiva, acompanhados de

comportamentos específicos. O medo é uma resposta a ameaças iminentes, enquanto a ansiedade envolve a antecipação de ameaças futuras. Esses estados emocionais se sobrepõem, mas têm diferenças, com o medo frequentemente associado a respostas fisiológicas de luta ou fuga, pensamentos de perigo imediato e ações de evasão, enquanto a ansiedade está mais ligada à tensão muscular, vigilância em relação a perigos futuros e comportamentos cautelosos ou evitativos (APA, 2023).

Cada transtorno de ansiedade é caracterizado por tipos específicos de objetos ou situações que provocam medo, ansiedade ou evitação, juntamente com pensamentos associados. Esses transtornos persistem além dos períodos normais de desenvolvimento e frequentemente começam na infância, com uma prevalência maior em meninas. O capítulo que aborda os transtornos de ansiedade está organizado de acordo com as faixas etárias em que esses distúrbios costumam se manifestar. Também é importante observar que a ansiedade está associada a um maior risco de pensamentos suicidas e tentativas de suicídio, com certos transtornos de ansiedade, como o transtorno de pânico, o transtorno de ansiedade generalizada e a fobia específica, apresentando maior associação com esse risco (APA, 2023).

Sobre o DSM-V e o DSM-V-Tr, destacam-se a importância da coleta de opiniões e comentários de uma ampla gama de participantes, incluindo pesquisadores, clínicos, pacientes e familiares. Esse enfoque na diversidade de

perspectivas reflete a tentativa de tornar o DSM-V o mais abrangente e representativo possível. Outro ponto é a importância em medir a gravidade dos sintomas e avaliação em forma dimensional. Isso implica uma mudança fundamental na abordagem da psiquiatria, passando da mera categorização de transtornos para uma compreensão mais aprofundada da gravidade dos sintomas em diferentes diagnósticos. Isso sugere uma evolução na forma como os transtornos mentais são avaliados. Onde também é importante chamar a atenção para os erros no processo de desenvolvimento, como o “sigilo desnecessário, ambições de risco, métodos desorganizados e prazos irreais”. Esses desafios revelam as complexidades envolvidas na criação de um manual diagnóstico tão abrangente e influente (MARTINHAGO; CAPONI, 2019).

Foram também incluídos critérios de significância clínica para aproximadamente metade das categorias diagnósticas. Isso significa que, além de atender a critérios específicos, os sintomas precisam causar sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social e ocupacional. Essa alteração demonstra uma abordagem mais criteriosa na avaliação dos transtornos mentais, também realçando a mudança do foco do DSM-5, que considera questões sociais, como problemas de relacionamento, pobreza e violência doméstica, como fatores relevantes na avaliação de transtornos mentais (RESENDE; PONTES; CALAZANS, 2015).

Isso reflete uma compreensão mais holística dos fatores que influenciam a saúde mental. Algumas vezes

questionam se as mudanças representam verdadeiras descobertas científicas ou se são simples redefinições de nomes e definições operacionais. No entanto, outras perspectivas destacam avanços importantes, como uma base mais sólida na etiologia dos transtornos mentais e maior confiabilidade na classificação. Sendo esse, projetado para permitir atualizações contínuas, sugerindo que seu desenvolvimento é um processo em andamento (MARTINHAGO; CAPONI, 2019).

Essa perspectiva de evolução contínua é importante para a compreensão da relevância em constante mudança do DSM-5 na psiquiatria. Em síntese, se enfatiza a complexidade do processo de desenvolvimento do DSM-5, destacando sua abordagem dimensional, a inclusão de questões sociais, os desafios enfrentados, as críticas e os avanços promovidos por esta edição do manual. Esses aspectos demonstram a constante evolução da psiquiatria e a importância contínua do DSM-5 no campo da saúde mental. Em comparação ao DSM-V-Tr não se alteraram muitas coisas, mantendo muitos dos mesmos fatores e avanços (RESENDE; PONTES; CALAZANS, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, ficou evidente a evolução da compreensão e classificação dos transtornos de ansiedade ao longo das edições do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Desde o DSM-I até o DSM-V, houve uma transformação notável na abordagem

da psiquiatria, indo de uma perspectiva mais psicanalítica para uma baseada em evidências e critérios operacionais.

A análise detalhada das edições do DSM revelou não apenas as mudanças nos critérios diagnósticos, mas a influência de diferentes correntes teóricas e a consideração de fatores contextuais, sociais e culturais. Além disso, a inclusão de critérios de significância clínica enfatiza a importância de considerar o impacto dos transtornos mentais na vida das pessoas.

O desenvolvimento do DSM-V e sua ênfase em uma abordagem mais dimensional, juntamente com a consideração de questões sociais, demonstra um esforço contínuo para aprimorar a compreensão e o diagnóstico dos transtornos mentais. O manual não é apenas uma ferramenta estática, mas sim um documento em constante evolução, refletindo as mudanças na ciência e na sociedade. Portanto, à medida que avançamos na compreensão dos transtornos mentais e em nossa capacidade de diagnosticá-los, é fundamental reconhecer a importância do DSM como uma referência essencial na prática clínica e na pesquisa em saúde mental. Esta análise evidencia a complexidade do processo de desenvolvimento do DSM e a necessidade contínua de aprimoramento e atualização para melhor atender às necessidades da população que enfrenta desafios de saúde mental.

Em suma, a partir do presente trabalho de conclusão de curso, é possível entender que a partir do momento em que consideramos os

manuais diagnósticos à risca, somos submetidos a algo que pode ser analisado como um conteúdo embebido de naturalizações, não considerando o Dasein em si como um com sua individualidade e subjetividade, mas sim como sintomas pré-determinados por tais livros. Partindo do pressuposto que tais manuais são escritos e postulados de maneira tecnicista, podemos concluir que o fenômeno da ansiedade propriamente dito se mostra como algo epocal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. S. A interpretação ricoeuriana da hermenêutica filosófica de Martin Heidegger. *Sapere Aude*, v. 12, n. 23, p. 206-216, 9 jul. 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/26153/18411>. Acesso em: 21 abr. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM*. 1 ed. Washington D/C, 1952. 145 p.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM*. 2 ed. Washington D/C, 1968. 136 p.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM*, 3 ed., Washington, DC, American Psychiatric Association, 1980. 507 p.

AMERICAN PSYCHIATRIC

ASSOCIATION (APA). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM*, 3 ed., Text revision, Washington, D/C, American Psychiatric Association, 1987. 598 p.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM*, 4 ed., Washington, D/C, American Psychiatric Association, 1994. 932 p.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM*, 4 ed. Text revision, Washington, D/C, American Psychiatric Association, 2005. 955 p.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR*. 5.ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023. 1337 p.

CALDEIRA, D. G. S. A questão da ética na psicoterapia: contribuições da Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger. 2019. 281f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27358>. Acesso em: 21 abr. 2023.

CASANOVA, M. Mundo e historicidade: Leituras fenomenológicas de Ser e Tempo. Volume 1: existência e mundaneidade. Via Verita: Rio de Janeiro, 2017.

COUTINHO, I. V.; ALMEIDA, L.P. Produção da subjetividade na Era da Técnica. Gerais: Rev. Inter. Psico., v. 12, n. 2, p. 225-243, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_